

Bordando memórias em narrativas familiares de fotógrafos “anônimos”¹

Isabella Cremer²
Luciana Butzke³
Roseméri Laurindo⁴
Universidade Regional de Blumenau (FURB-SC)

RESUMO

De um curso de bordado em fotografias surgiram expressões afetivas sobre o registro visual de histórias familiares. Na Universidade Regional de Blumenau (FURB), no estado de Santa Catarina, o projeto de extensão Cultura e Vida Social em Movimento transformou oficinas presenciais de bordado em aulas remotas por vídeo e, assim, alunas de sete estados brasileiros puderam compartilhar suas escolhas fotográficas, selecionadas para serem furadas e transpassadas por agulhas e linhas. Por meio de uma nova linguagem, foram acionados afetos e memórias que, por fim, trouxeram à discussão a autoria perdida de fotos familiares antigas, fenômeno que se repete no tempo presente, com a pós-fotografia das intervenções tecnológicas em documentos familiares.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; bordado; memória; autor; família; pós-fotografia

INTRODUÇÃO

O presente relato parte da experiência do projeto de extensão Cultura e Vida Social em Movimento da Universidade Regional de Blumenau (FURB), no estado de Santa Catarina. No âmbito do projeto, entre agosto e setembro de 2020 foi realizada

¹ Trabalho apresentado no GT1 “Fotografia documental, memória e fotojornalismo”.

² Graduanda do Curso de Jornalismo da Universidade Regional de Blumenau (FURB), e-mail: cremerisa@hotmail.com

³ Doutora em Sociologia Política. Professora da Universidade Regional de Blumenau (FURB), e-mail: butzkeluciana@gmail.com

⁴ Doutora em Ciências da Comunicação. Professora da Universidade Regional de Blumenau (FURB). email: rlaurindo@furb.br



uma oficina de bordados em fotografia. A ideia inicial previa encontros presenciais, mas em virtude do distanciamento imposto pela pandemia do coronavírus, as atividades foram realizadas por meio de vídeo na plataforma Teams, da Microsoft, disponibilizada pela universidade.

Com um total de seis horas, os encontros síncronos mediados por tecnologia começaram com o desafio para cada aluno selecionar fotos que acionassem suas memórias e cujo papel da reprodução pudesse ser bordado em pontos que eram ensinados durante as aulas, posteriormente detalhados em estudos individualizados por meio de materiais disponíveis em sites, no Instagram do projeto e em textos para leitura, além das trocas de experiências por WhatsApp. Cada aula tinha a duração de uma hora e meia, com exposição da professora e participação das alunas por vídeo e chat. Em plataforma de streaming, as aulas ficavam gravadas para acesso posterior. Participaram 16 pessoas de sete estados do Brasil.

O tema da oficina, *Linhas da Memória*, teve como objetivo relacionar a história e cultura dos participantes, do presente e/ou passado, mediadas por fotos e intervenções bordadas. Dentre os materiais produzidos, foi selecionada para esta apresentação no GT 1 da III Grão Fino: Semana de Fotografia, a produção de duas participantes que ao final problematizam a questão da memória e autoria de fotos antigas, recuperadas em processo afetivo que a ressignificação pelo bordado possibilitou.

Assim, este material apresenta a fotografia como expressão de sentimentos retomados de um passado que se quer entender por aquela que ressignifica a foto pelo bordado. Pontos que envolvem sentidos peculiares por tratarem de fotos de família, em dimensão que já apontava Barthes (1984). Além da ligação afetiva das alunas a escolherem as fotos, discutiu-se que raramente ao se conversar sobre elas se indagou sobre as respectivas autorias e, assim, refletiu-se sobre os fotógrafos, na maioria das vezes desconhecidos nas fotos familiares antigas. Uma problemática que se acentua no presente, de profusão de imagens digitais em cliques e compartilhamentos pelas redes sociais, em processos documentais de autoria perdida, análogos aos registros familiares do passado.



Acrescenta-se neste relato, portanto, a impressão que as participantes regataram dos fotógrafos, em um dos exemplos identificado e no outro não. Considera-se, com Berger (1999), que toda foto diz muito sobre o fotógrafo. E, como afirmou Desilets (1971, p. 273), fazer “uma fotografia não é o mesmo que ‘tirar’ uma fotografia. Antes de mais, o fotógrafo que ‘faz’ fotografia é um fotógrafo-autor, que pode acreditar ou não na instantaneidade duma fotografia; por isso ele criará integralmente as suas imagens”.

A memória de fatos, pessoas e ideias está presente em todas as sociedades humanas. A noção de cultura guarda essa função memorial. A preservação do patrimônio cultural que herdamos e vivemos contribui para a construção da cidadania e para a formação da identidade, pois estabelece ligação entre passado e presente através do resgate da memória social. Quando olhamos para alguma coisa estamos olhando para a relação entre as coisas e a relação entre nós mesmos (BERGER, 1999; FACHINELLO, 2010).

Afetos e emoções nas fotos bordadas

Os cruzamentos de sentidos acionados pela fotografia bordada foram potencializados para o presente relato desde o momento de noticiar sobre a oficina do projeto de extensão Cultura e Vida Social em Movimento. A estudante do curso de Jornalismo da FURB e estagiária da Central Multimídia de Conteúdo, Isabela Cremer, uma das autoras do texto escrito para a III Grão Fino, envolveu-se subjetivamente com o fato que reportou para o portal informativo da instituição. Ela passa a falar em primeira pessoa:

Para desenvolver uma pauta de divulgação das inscrições para a oficina conversei com Luciana Butzke, coordenadora do projeto de extensão que ofereceu essa oficina e fui me interessando cada vez mais. O bordado sempre foi algo presente na minha vida, uma arte que sempre admirei, mesmo sem nunca ter pegado em uma agulha. Minha oma (avó) sempre bordou toalhas, panos e almofadas. Foi uma arte que cresci observando.



Depois de apurar todas as informações necessárias, fui escrever o texto para o website da universidade. Foi algo simples, as palavras apenas fluíram e fui costurando as informações com depoimentos da professora e no fim o texto estava pronto. Mas pensava que era apenas outro de muitos textos que produzia para o site.

Dias depois da publicação, minha professora do Curso de Jornalismo, e do curso da vida também, Roseméri, conversou comigo no WhatsApp sobre a matéria, de como leu e ficou com vontade de se inscrever na oficina. Ella me explicou que a matéria poderia ter diversos efeitos e nem atrair leitura, por exemplo, mas que eu consegui escrever de tal forma que isso não aconteceu e despertou nela, que assim como eu nunca pegou em uma agulha, o interesse em tentar aprender algo novo.

Depois disso comecei a perceber de forma mais nítida como o trabalho dos jornalistas é transformador. Neste meu exemplo, obviamente, o impacto do texto é pequeno, mas estimulou a mudança na vida da professora Roseméri, que se propôs a aprender algo que sempre admirou de longe, mas nunca teve tempo ou o estímulo necessário para começar. Sei que durante o curso ainda vou ouvir muito sobre as funções do jornalismo e receber mil exemplos, mas perceber isso na prática, através de meu próprio trabalho, foi algo muito importante.

A proposta da oficina e a conversa que tive com a coordenadora Luciana me deixou muito interessada e depois de alguns dias da publicação e que a Roseméri falou comigo, também me inscrevi. Em um primeiro momento fiquei nervosa, pois não tinha muita noção de como seria o meu desempenho e, como quase tudo na minha vida, gosto de planejar cuidadosamente todos os passos e concretizar de forma satisfatória as coisas para as quais me proponho. Nunca tinha bordado na vida, nem sequer remendado uma peça de roupa, então ao mesmo tempo que os primeiros pontos foram atrativos, também foram um desafio. Na realidade, ainda são.

Todos os encontros foram muito divertidos, aprendi muito. Sendo uma iniciante ao lado de mulheres experientes no bordado, tive uma experiência engrandecedora em aprender com elas, que foram sempre muito pacientes comigo. Como conversara com a professora Luciana sobre a dinâmica dos encontros, tinha uma ideia do



processo, que consistia em definir fotografia que iríamos bordar, aprender pontos de contorno, de preenchimento e mão na massa.

O primeiro passo foi muito agradável. Sempre adorei fotografia e já tinha realizado em meu curso as disciplinas Fotografia I e Fotojornalismo. Mas agora se tratava de fotografias antigas, que fazem você se perguntar sobre as histórias e personagens por trás dela. Acabei escolhendo uma foto da minha oma, minha maior inspiração para o bordado. Após isso, fui conversar com ela sobre a fotografia, quando tinha sido tirada, quem era o fotógrafo, em que lugar ela estava?

Foi uma conversa reveladora, pois descobri coisas novas, como o fato de que meu avô, que morreu no ano de 2006, quando eu tinha apenas 5 anos, adorava fotografia. Minha oma contou que a foto foi tirada na casa dela, quando eles ainda estavam namorando. Outra coisa que achei interessante é que quando a foto foi tirada, ela tinha mais ou menos a idade que tenho agora.

Para aprender os pontos de bordado observei os vídeos feitos pela professora Luciana e, tentativa e erro, na prática. Alguns pontos, como os de contorno, foram mais fáceis, já os de preenchimento foram, e ainda são, um desafio. Acho que a parte mais complexa foi definir qual intervenção faria na foto. Não tinha nem ideia de qual desenho ou qual a essência que gostaria de destacar na fotografia. Mas os pontos fortes da foto estavam evidentes; além do retrato da minha oma, são as uvas, por isso fui pesquisar quais significados elas poderiam ter.

No site simbolos.com.br encontrei a informação de que para os judeus a uva significa “união e unidade, pois o cultivo da vinha sempre é feito em comunhão, assim como sua colheita. Por outro lado, o fato de a uva nascer em cachos, indica que não existimos em separado”. Isso me fez refletir sobre “família”. Sobre como minha oma une todos nós, meu pai, meu tio, com os netos e noras e todas as ramificações da família. Ela é o elo mais forte, ela é o início, o meio, mas não o fim! Foi assim que decidi que gostaria de destacar essa simbologia. Desenhei os cachos de uva na foto, para então começar o bordado.

O primeiro passo foi pelas folhas, pois usaria apenas os pontos de contorno, por ter maior facilidade em produzir. Depois disso segui para as uvas. No meu



planejamento, fazia o ponto “nó francês”, demonstrado na oficina, mas no fim não conseguia executá-lo de forma que me deixasse satisfeita, por isso mudei a estratégia e, seguindo a dica da professora Luciana, de utilizar diferentes tons de roxo para que os cachos ficassem mais bonitos e definidos, fiz as uvas individualmente de forma livre, sem pontos de preenchimento definidos.

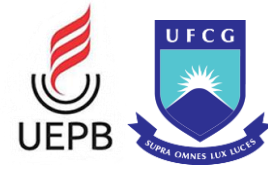
Gostei muito do resultado final. Não pensei que o bordado ficaria tão bonito. Acho que uma boa forma de homenagear e representar não só a arte do bordado da minha oma, mas de tudo o que ela representa na nossa família, o quanto eu a amo.

A relação com as outras participantes e com a professora da oficina também é algo muito precioso. Cada uma sempre dando feedback e sugestões sobre os trabalhos, conversando e se divertindo. Nesse momento de pandemia, onde o estresse e a incerteza sobre o que será do amanhã estão sempre presentes, essa oficina e essa perspectiva de criação me deixaram mais leve, me fizeram refletir sobre outras coisas que não fossem tão “pesadas”. Me fez sentir realmente bem, além de acrescentar mais uma coisa em comum que tenho com a minha oma, estreitando ainda mais o nosso precioso laço.

Figuras 1 e 2 – Frente e respectivo avesso de foto bordada



Fonte: Foto de Norberto Cremer bordada pela neta Isabella Cremer



A imagem em memória e a autoria desconhecida

Toda foto cabe na explicação barthesiana de que é como um vínculo umbilical lançado pelo fotógrafo e que “liga a meu olhar o corpo da coisa fotografada: a luz, embora impalpável, é aqui um meio carnal, uma pele que partilho com aquele ou aquela que foi fotografado” (BARTHES, 1984, p. 121). Assim, foram trazidas à tona fotos de intenso sentido cujas autorias nem sempre são conhecidas e mesmo quando o foram, no caso da foto da oma com as uvas, receberam intervenção coautoral por meio não apenas de outros registros com linguagem diferenciada, mas a propor intenção/afeto que a bordadeira pretende que tenha sido do próprio fotógrafo.

Vale a pena salientar a complexidade do fenômeno autoral.

“A preocupação com a paternidade da obra é uma questão antiga, que se encontra desde a crítica aos mitos, na filosofia clássica. Com o questionamento de Platão/Sócrates à escrita, o autor (do saber) ganha um de seus primeiros enunciados de valorização, pelo avesso”. (Laurindo, 2008, p.9).

Vejamos o anonimato que fala tão alto na foto de estúdio bordada por Luciana Butzke, que também faz o relato em primeira pessoa:

A ideia era ministrar a oficina e viver junto com os participantes o processo de refletir e intervir em uma foto. Para tanto, selecionei uma foto de minha avó paterna, Donatilha Butzke, de autoria desconhecida. Minha avó cultivava o hábito de plantar, torrava e moía o próprio café, criava galinhas e seu sonho era voltar para a cidade natal, Ilhota. Ela também me inspirou nas artes manuais. O vestido com o qual ela aparece na foto foi feito por ela.

Para inspirar o bordado me veio à mente os trabalhos de Frida Kahlo, especialmente aqueles nos quais nasciam plantas a partir de seu corpo, remetendo a ligação da minha avó com a terra. A partir dessa referência, foram feitos esboços em papel vegetal e os desenhos, posteriormente bordados, contemplam raízes, uma flor do vestido e sobre a mesa um pé de café.

Figuras 3 e 4 – Foto com sobreposição de papel vegetal e depois bordada



Fonte: Arquivo familiar. Foto de autor desconhecido. Intervenção da bordadeira Luciana Butze

É interessante observarmos que com o passar do tempo, a autoria das fotos caminha para o esquecimento, como no caso da foto da minha avó. A reflexão que faço passa por dois pontos: o primeiro deles é de como essa imagem, no presente, traz o olhar de um fotógrafo hoje anônimo, e de como ele contribuiu para manter a história da família viva. Que olhares são esses que interagem com os nossos e contribuem para contar as nossas histórias?

O segundo ponto é sobre a intervenção bordada na foto. A interação com a autoria anônima e com a memória afetiva pode ir além da mera observação. Ela pode se tornar intervenção! O bordado entra na interação com a autoria anônima incorporando uma autoria do presente.”



CONSIDERAÇÕES

Se o pós-fotográfico é uma questão premente a receber reconfigurações tecnológicas no ambiente digital, a intervenção do bordado sobre a fotografia vem trazer novas problemáticas que dialogam com a autoria fotográfica e as subjetividades implicadas em dimensão intimista.

Quando olhamos para uma foto, sabemos que há um registro mecânico da realidade. Há uma ação do fotógrafo naquele momento selecionando uma cena, um modo de ver (BERGER, 1999). Ainda precisamos considerar que a imagem também incorpora o nosso modo de ver, algo que cativa ou repele o nosso olhar receptor. A foto diz muito da gente e do fotógrafo e a foto bordada quer dizer ainda mais. Em tempos de profusão de imagens, para aquém dos pixels, os pontos bordados por mãos em movimento afetuoso buscam memórias de um instante impossível de ser expresso na primeira impressão.

Referências

- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Notas sobre a fotografia. 9ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BERGER, John. **Para entender uma fotografia**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2017 (e-book, sem paginação).
- DESILETS, Antoine. **A Técnica da Fotografia**. Publicações Europa, Mira-Sintra, Mem Martins, 1971.
- FACHINELLO, Alexsandra. A educação patrimonial como instrumento de cidadania e a atuação do Programa Monumenta em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. **MOUSEION**, V. 4, n. 8, Jul-Dez/2010, p. 96-105.
- LAURINDO, Roseméri. **Jornalismo em três dimensões: singular, particular e universal**. Blumenau: Edifurb, 2008.